

PESQUISA PARTICIPANTE: PERSPECTIVAS PARA O ENSINO PROFISSIONAL EMANCIPATÓRIO

Data de aceite: 01/08/2023

Marcos Fernando do Nascimento

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão/ Campus Bacabal – Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica-PROFEPT na Instituição Vinculada IFMA/MTC

Orlando Cantuário de Assunção Filho

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará/ Campus Camocim – Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica-PROFEPT na Instituição Vinculada IFMA/MTC

Williane Cristina Viegas Madeira

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica-PROFEPT na Instituição Vinculada IFMA/MTC

RESUMO: A transição da humanidade feudal e empírica para a modernidade consagrou a Ciência e o método como elementos fecundos da descoberta, evolução do pensamento e das sociedades. No entanto, por séculos, ela alinhou-se a um modelo de sociedade puramente hegemônico e burguês, atendendo a um

positivismo cientificista. Este artigo visa discutir algumas reflexões do ponto de vista dos procedimentos técnicos da aplicação da pesquisa participante na construção de um viés emancipatório no ensino profissional, por meio de uma abordagem bibliográfica de acervos publicados como: livros, periódicos e artigos científicos sobre o tema. Apresentamos uma breve discussão sobre o percurso da pesquisa participante, seu surgimento, conceito, finalidade, ponto de ruptura e uso. Dialogamos sobre a proposta de uma pesquisa participante emancipatória na educação profissional, assim como as relações possíveis entre ambas, defendendo o viés ontológico da pesquisa participante como a crítica do processo de conhecimento hegemônico na sociedade atual.

PALAVRAS-CHAVE: Conhecimento. Hegemonia. Emancipação. Educação Profissional

PARTICIPATORY RESEARCH: PERSPECTIVES FOR EMANCIPATORY PROFESSIONAL TEACHING

ABSTRACT: The transition from feudal and empirical humanity to modernity

consecrated Science and method as fertile elements of discovery, thought evolution and societies. Nevertheless, for centuries, it aligned itself with a purely hegemonic and bourgeois society model meeting a scientific positivism. This article aims to discuss some reflections from the viewpoint of technical procedures on the application of participatory research in the construction of an emancipatory bias in professional teaching by means of a bibliographic approach to published material such as: books, journals and scientific articles on the topic. We present a brief discussion on the path of participatory research, its emergence, concept, purpose, breaking point, and use. We deliberated the proposal for an emancipatory participatory research in professional education, as well as the possible relationships between both, defending the ontological bias of participatory research as the critique of the process of hegemonic knowledge in today's society.

KEYWORDS: Knowledge. Hegemony. Emancipation. Professional education.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo principal a proposição da pesquisa participante como uma apropriada opção metodológica que propõe trazer uma discussão sobre os relacionamentos entre a Pesquisa Participante e Educação Profissional e Tecnológica- EPT em uma perspectiva emancipatória. Traça-se um panorama, buscando evidenciar seus sentidos e comprometimentos com o campo de construção de uma educação profissional, crítica onilateral e transformadora, contextualizada social, cultural e politicamente com a vida das pessoas.

Nesse sentido trazemos, no âmbito dos diálogos entre algumas concepções de educação transformadora, indicativos da contribuição da Pesquisa participante, sob o ponto de vista de emancipação dos sujeitos na EPT. Esses indicativos de contribuição nos levam a perseguir os interesses relacionais, que ocorrem contextualmente, através das práticas pedagógicas e educativas no ensino aprendizagem.

Nesse rumo, para atender os objetivos pretendidos, recorreremos ao método teórico de pesquisa bibliográfica. Levantamos dados de bases de repositórios científicas como, dentre elas, a CAPES, como também, consulta a textos de autores comprometidos com o tema, como Freire (2021), Brandão; Streck (2006), dentre outros. O trabalho se justifica pela possibilidade de discutir a importância da Pesquisa Participante como ação que pode promover espaços dialéticos e dialógicos, através de seus aspectos metodológicos e epistemológicos.

1 | UM PANORAMA DA PESQUISA PARTICIPANTE

Gestada no seio de várias tradições, dentre elas, as da Europa e Estados Unidos, alguns estudiosos remetem a origem da *pesquisa participante*, aos estudos de Kurt Lewin e de outros cientistas sociais, mas na literatura e, em nossos apontamentos, não foi possível precisar tal afirmação. Na América Latina, tem como seus pioneiros e praticantes, Orlando

Fals Borda e Paulo Freire, que lhe faz referência nos contextos próprios do Continente, entre os anos de 1970 e 1980. De tal modo que para realizar uma discussão que se pretende realizar sobre os relacionamentos da Pesquisa Participante¹ e seu trajeto e percurso, no âmbito das ações interessadas na emancipação dos sujeitos da educação profissional, faz-se necessário explicitar alguns pontos acerca de suas origens e trajetória.

No século XIX, o Mundo caminhava para uma ruptura com o POSITIVISMO, pois a ciência pela ciência nos moldes da “física social” de Comete precisava construir bases de vínculo e caráter emancipatórios pela diversidade de instrumentos, diversidade de técnicas, que possibilitavam ao pesquisador usar de inúmeros instrumentos de coleta. “O positivismo não nega os significados, mas recusa-se a trabalhar com eles, tratando-os como uma realidade incapaz de se abordar cientificamente [...] A lógica que preside esta linha de atividade é de caráter comparativo e exterior aos sujeitos” (MINAYO, 1993, p. 244).

Por essa razão, a Pesquisa Participante não converge para a *clássica forma* de pesquisa positivista, visto que ela prevê uma aproximação horizontal entre sujeito e objeto. Logo, ambas não são da mesma natureza. Parafraseando Demo (2008), a pesquisa centrada na lógica dos resultados estatísticos e configurada no distanciamento entre sujeito e objeto, ao buscar a intenção ideológica, veda aos pesquisados o processo de produção e apropriação dos conhecimentos erigidos. Isso, arbitrariamente, reflete nos resultados, pois frustra a seleção das respostas.

Seguindo seu curso a Pesquisa Participante converge também para os trabalhos Marxianos, em particular, daqueles circundantes da enquete operária², interessada nos empreendimentos científicos e políticos. Brandão; Streck (2006) ainda confirmam que os procedimentos dessa categoria de pesquisa são uma estratégia para o acesso de pessoas e grupo das classes populares a instrumentos confiáveis de conhecimento científico a respeito da realidade social.

Apesar das circunstâncias de seu surgimento, a *Pesquisa Participante* se articula através de suas propostas de construção de conhecimentos e ações científicas diversas e diferenciadas. Realiza-se em todos os lugares e ao mesmo tempo, substancializada teórica e metodologicamente com alternativas políticas, sociais e culturais, com vistas ao desenvolvimento social e melhoramento da qualidade de vida das pessoas.

Brandão; Streck (2006) reconhecem que a Pesquisa Participante aproveitou bastante das tradições europeias e norte-americanas, mas que possui vinculação histórica com os

1 Trata-se, portanto, de um modelo de pesquisa que difere dos tradicionais porque a população não é considerada passiva e seu planejamento e condução não ficam a cargo de pesquisadores profissionais (GIL, p.39,2021)

2 Questionário originariamente escrito por Karl Marx a pedido de um grupo de militantes comunistas franceses que mais tarde ingressaram no Partido Operário francês – do qual o próprio Marx escreverá no mesmo ano parte do programa – o inquérito operário só foi publicado em abril de 1880 na *Revue Socialiste*, dirigida por Benoît Malot, um dos protagonistas do Comuna de Paris.

A enquete operária para Marx, portanto, não é uma atividade descritiva episódica ou um apêndice, a ser realizado à margem do trabalho político, ou uma mera coleta de informações sobre a realidade social. Está totalmente engajada da mesma forma que o filósofo de Trier interpreta a tarefa de pensamento, ou melhor, como a “ciência da contradição”, uma atividade única que vincula empreendimento científico e emancipação política, Ricardo Emilio. Acomuna Revista de crítica Social. Disponível em <https://acomunarevista.org/>. Acessado em 31/08/2021.

movimentos sociais populares e com seus projetos de transformação social emancipatórios, no seio da América Latina³.

Inaugurada a partir do consentimento de que o espaço de sua realização pertence aos sujeitos dos processos da ação, a Pesquisa Participante, em especial na América Latina, busca amparar-se na ideia da não neutralidade e não objetividade da ciência, pois, Brandão; Streck (ibidem) relatam que a consequência desse ponto de partida é o de que a confiabilidade não está tanto no rigor positivo de seu pensamento, mas na contribuição de sua prática, na procura coletiva de conhecimentos, tornando o ser humano não apenas mais instruído e mais sábio, porém, igualmente mais justo, livre, crítico, participativo, corresponsável e solidário.

Uma das perspectivas da Pesquisa Participante é realizar-se nas ações (alternativas) que pretendem responder aos programas, os quais viabilizam métodos voltados para a educação profissional, especialmente, de sujeitos excluídos de projetos de desenvolvimento socioeconômicos como, por exemplo, os jovens e adultos. Mesmo que a PP utilize ferramentas de pesquisa que fujam à objetividade científica, elas podem ser comprovadas porque, como dito, tal pesquisa é uma ação política e contra-hegemônica. Ela é defendida numa dimensão ontológica como a própria crítica do processo do conhecimento hegemônico. Nesse aspecto, denuncia as contradições da estrutura capitalista, do formato arbitrário de se fazer ciência nos espaços de *construção de aprendizagem e divulgação da tecnologia*.

Nesse sentido, ela é ontológica porque além de revelar características da essência humana assume uma postura política na nova forma de fazer ciência, aproximando-se dos aspectos históricos das desigualdades sociais. Com essas *práxis*, ela torna possível proporcionar a apropriação do conhecimento, fortalecendo a cultura, a ciência e tecnologia de forma democrática. Deste modo a,

Pesquisa Participante produz conhecimento politicamente engajado. Não despreza a metodologia científica em nenhum momento no sentido dos rigores metódicos, controle intersubjetivo, discutibilidade aberta e irrestrita, mas acrescenta o compromisso com mudanças concretas, em particular voltadas para os marginalizados. (DEMO, 2008, p. 8)

Seu sentido mobilizador de formação e participação popular- seja dos movimentos sociais, classes sociais, dentre outros tornam o lugar da Pesquisa Participante um ambiente fertilizador de reações emancipatórias, pois suas palavras de partida são “crítica”, “mudança”, “desenvolvimento”, “transformação” e “revolução”.

Nesse processo de experiências e vivências, não se concebe, no âmbito e interesse da *Pesquisa Participante*, o exercício dos elementos e ferramentas somente de observador-pesquisador, pois o espaço compreendido dessa ação está comprometido na

³ Na América Latina, os praticantes mais conhecidos da *Pesquisa Participante* desde os eu começo, se reconhecerão herdeiros de Karl Marx do que de Kurt Lewin e mais de Antônio Gramsci do que de Carl Rogers (BRANDÃO; STRECK, p.20, 2021).

forma permanente e sistemática de compartilhamento de saberes, durante todo o tempo da pesquisa. Nesse caso, os dados se apresentam aos sentidos e esses são revelados pelos sujeitos como nos lembra Minayo (1993). Justamente porque as ferramentas e os instrumentos de coleta da Pesquisa Participante reclamam dos sujeitos pesquisados a participação deles no processo investigativo. Cada um desses instrumentos guarda em si suas particularidades científicas a serem usadas no momento mais apropriado, a saber, entrevista, observação, grupo focal, história de vida ou história oral, sociometria, pesquisa participante, entre outras.

Isso implica relacionamentos que não se constroem apenas pelo fluxo contingencial de seus participantes no seu processo, mas porque permite inscrever alternativas de emancipação popular solidária através do conhecimento da sociedade. Assim a Pesquisa participante tende a ser

aquela em que o pesquisador, para realizar a observação dos fenômenos, compartilha a vivência dos sujeitos pesquisados, participando de forma sistemática e permanente, ao longo do tempo da pesquisa, das suas atividades. O pesquisador coloca-se numa postura de identificação com os pesquisados (SEVERINO, p.126, 2016).

A Pesquisa Participante, dessa maneira colocada, considera os agentes sociais como *ativos de contribuição crítica*, tornando-a num espaço que congrega a participação de homens e mulheres, não apenas como “atores coadjuvantes”, mas relacionados ativamente com os processos integradores e sua trajetória de organização popular, visto que ela se constitui em

Um instrumento científico, político e pedagógico de produção partilhada, de conhecimento social e, também, um múltiplo e importante momento da própria ação popular. Essa alternativa de investigação social é “participante porque ela própria se inscreve no fluxo das ações populares (BRANDÃO; STRECK, p. 28, 2006).

Própria das ações transformadoras, esse tipo de pesquisa não deve ser compreendido no contexto, âmbito e motivação instrumentais da ciência positivista clássica, mas referenciado nos pressupostos teóricos da “*nova pesquisa*” ou da “*contra-pesquisa*” a partir dos valores coletivos para além do sentido observador-objeto. Sistematizado, organizado, cúmplice e solidário de movimentos populares.

Brandão; Streck (2006) entendem que o exercício da Pesquisa Participante, na América Latina, diferencia-se daquele realizado na Europa e EUA, pois ela não se instrumentaliza em direção aos sujeitos, ou seja, não se verticaliza, mas horizontaliza-se como metodologia participante. Não obstante a esses problemas de identidade e fundamentação herdadas dos EUA e Europa, a Pesquisa Participante tem o desafio, particularmente, na América Latina, e mais ainda, no Brasil, de buscar converter, dentro das circunstâncias próprias e específicas, a relação tradicional sujeito-objeto entre investigador-educador, partindo da perspectiva de que todas as pessoas e culturas possuem saberes,

práticas, costumes e ao relacionar seus diferentes tipos de conhecimentos (popular e científico), acabam por construir uma ação transformadora.

A ação transformadora, por sua vez, busca promover os espaços de construção pela pesquisa atuante, solidária, compreensiva dos aspectos e relações cotidianas dos sujeitos. Um espaço entre sujeito-sujeito que realiza a busca da unidade entre teoria e prática, além de criticidade de práticas refletidas. A partir dos apontamentos de Brandão; Streck (2006), verifica-se que a pesquisa participante deve ser praticada como um ato político claro e assumido. Percebe-se que a prática político-pedagógica e educativa da Pesquisa Participante se movimenta para proporcionar a criticidade aos sujeitos em seus aspectos sociais, culturais e econômicas.

Na América Latina, os lugares de exercício da Pesquisa Participante – (P.P) para o desenvolvimento educacional e profissional das pessoas se aproximam da vertente teórico – metodológica do materialismo histórico e dialético, por constituir-se dos fenômenos sociais e das “*forças dos contrários*” do diminar humano, embrincando características, sistematização, organização teórica e epistemológica, fundamentação instrumental, quanto movimento transformador, como também os espaços dialógicos entre o saber popular e o científico permitem, à Pesquisa Participante, interagir e se correlacionar com os espaços que fomentam os princípios da igualdade e autonomia dos sujeitos.

Partindo dessa justificativa a pesquisa participante comunica seus interesses, objetivos e responsabilidades para com o campo o qual ela pretende agir, dando relevância, antes, aos anseios daqueles que ela comunica. Olhar para os outros é o primeiro passo dessa categoria de pesquisa: olhar atentamente, profundamente, comprometidamente. Um olhar particular que compreende

Diferentes concepções de mundo, diferentes pontos de vista sobre a vida humana e a sociedade geram diversas necessidades e pautam os interesses de produção do conhecimento. Não há neutralidade nem objetividade absoluta nesse processo. Não há novidade nesse fato; interesses e valores movem as ações humanas. A novidade pode estar nos problemas novos que os diferentes sujeitos sociais se colocam, assim como nas respostas e nas contradições que se geram em torno da realidade revelada pela palavra (CIAVATTA, 2015, p.21).

Por encarar os problemas novos, a Pesquisa Participante pode atrair um olhar particular através de um processo pautado na horizontalidade de seus relacionamentos, favorecendo o protagonismo dos sujeitos na construção do conhecimento, e na perspectiva de intervirem na realidade socioeconômico e cultural. Portanto, os olhares que apontam para os sentidos e direção da pesquisa participante reconhecem-na como uma categoria de pesquisa que se aprofunda nos relacionamentos e, a partir da sua comunicabilidade, constrói ambientes que pautam, pela relação dialética e dialógica dos sujeitos envolvidos, uma proposta de ação transformadora, solidária, comprometida com a formação profissional omnilateral. Passaremos agora a elucidar as contribuições da abordagem da Pesquisa

21 CONTRIBUIÇÃO DA PESQUISA PARTICIPANTE PARA A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

O contexto que se alarga à presente discussão é diverso e propício a discussão em torno dos relacionamentos e das contribuições da Pesquisa Participante para com a formação profissional discente, em particular, do ensino técnico e tecnológico. Intenta-se, para tanto, anunciar pistas que possam evidenciar a relação entre o exercício de tal pesquisa com os anseios de um ensino profissional emancipatório, no âmbito da formação em EPT.

Essa pesquisa, como espaço de construção de subjetividades dos sujeitos, configura-se como perspectiva de elemento realizador dos anseios que fazem parte da realidade das pessoas em suas urbanidades. O caráter excepcional de suas ações está em se diferenciar de outras pesquisas, as quais não consideram, efetivamente, os saberes dos sujeitos como participantes da construção do conhecimento, pois conforme o entendimento de Ciavatta

A pesquisa em Educação Profissional não pode ser realizada a partir de procedimentos técnicos de obscurecimento da realidade, como é o caso do positivismo e de bem-intencionadas pesquisas qualitativas que se esmeram na descrição dos fenômenos, mas não se ocupam do contexto e das contradições sociais, econômicas e políticas que geram a história da sociedade em que eles ocorrem (CIAVATTA, 2015, p. 26).

Esse lugar de realização da Pesquisa Participante perpassa as abstrações e os distanciamentos sociais, culturais e afetivos entre as pessoas e o lugar a que pertencem, permitindo, portanto, a construção significativa de uma realização direta na vida dos indivíduos. Ou seja, ao se relacionar no espaço-tempo com essas realidades, a Pesquisa Participante contribui para uma *práxis* transformadoras que não se constrói a partir do olhar pesquisador-observador, mas pela proximidade, contato, vivência relacional como prática emancipatória.

Nesse sentido, a contribuição da referida pesquisa é relevante para a Educação Profissional por se diferenciar de outras ações metodológicas. A esse respeito Ciavatta observa que

Essas pesquisas podem até ser fontes de informação, mas permanecem ao nível das aparências, da superfície dos fatos e não desvelam as condições de sua produção, o protagonismo político dos sujeitos envolvidos e seus lugares na estrutura de classes do sistema capitalista no qual vivemos (Id, 2006, p.26).

Ao contrário de outras pesquisas, a Pesquisa Participante se aprofunda no sentido e direcionamento das ações e atividades revolucionárias, isto é, de práticas pedagógicas educativas transformadoras na educação profissional, pois sua natureza é o vigor que

se faz nos envolvimento entre os sujeitos. Ela se compromete com um ensino unitário, equitativo e justo, ao proporcionar espaços de discussões interdisciplinares e relacionais entre os sujeitos participantes dos processos metodológicos e seus resultados. É participante porque faz a integração, chama os sujeitos para o meio de suas ações. É conciliadora de interesses revolucionários, pois sua origem está impingida por anseios de práticas transformadoras, pois suas ações ocorrem, geralmente, no cerne dos movimentos populares.

Assim,

para a Pesquisa Participante, essa vinculação contextual revela-se decisiva desde suas origens nos movimentos de cultura popular até sua prática atual na interface com movimentos sociais. Com o auxílio da conceituação de mediação entre teoria e práxis feita por Habermas, será possível colocar em discussão as pretensões de legitimidade acadêmica desse tipo de pesquisa (SOBTTKA; EGGERT; STRECK, 2006, p.170).

O movimento que a Pesquisa Participante realiza na construção dos espaços de ensino aprendizagem, com perspectivas emancipatórias, ocorrem através de uma *práxis* que intenciona contribuir para que os participantes obtenham os benefícios de seus resultados. O caráter político-pedagógico da pesquisa participante não percebe seu exercício como uma eventual ação de intervenção, dizendo de outro jeito, um remendo que procure sanar determinado conflito, necessidade ou situação de injustiça por alguns momentos. A centralidade de sua ação compreende a ideia de que

Essa modalidade de pesquisa apresenta dois atributos básicos: relação de reciprocidade entre sujeito e objeto e relação dialética entre teoria e prática. Isso significa que o conhecimento da realidade só se dá no estabelecimento de uma relação entre pesquisador, técnicos, grupos, em que já não se pode falar na separação produzida pela dicotomia entre sujeito e objeto da investigação e entre teoria e prática (SILVA, 2006, p.124)

A imponderação que se manifesta pela dicotomia teoria e prática, no âmbito da realização da Pesquisa Participante, demonstra um elemento relevante para a construção de um lugar ou lugares possíveis das ações emancipatórias, especificamente na educação profissional. Percebe-se, nela, um notável deslocamento para o território de uma educação técnica e tecnológica, com perspectivas de uma formação humana, omnilateral e integral.

Partindo desse pressuposto, a perspectiva de emancipação dos sujeitos, no âmbito educação profissional, no interesse da pesquisa participante, ocorre porque as distâncias entre pesquisador e “informante” se anulam. Nesse sentido, tem-se como produto desse movimento um conhecimento ampliado e substancializado, superando o caráter imediato do fenômeno. A realidade, nesse caso, é tomada como objeto de investigação, mas numa perspectiva crítica, capaz de desenvolver uma ação que busque compreender essa realidade enquanto totalidade e produto de múltiplas determinações (id, 2006).

Nesse entendimento, compreende-se que as múltiplas determinações distanciadas

da dicotomia teoria e prática aproximam a Pesquisa Participante de categorias como *omnilateralidade* e *formação humana integral*. Parônimos, fundamentais para processos “emancipatórios autônomos na educação integrada. Como bem afirma Ciavatta (2014, p. 188) “lutamos por uma concepção e práticas educativas que não são novas” justamente porque elas originaram no ideário comunista revolucionário que preconiza “elevação das massas ao nível de conhecimento e capacidade de atuação como as elites sempre reservaram para si e seus pupilos”.

3 I RELAÇÕES POSSÍVEIS ENTRE PESQUISA PARTICIPANTE E ENSINO PROFISSIONAL

Para uma educação de qualidade é necessário o desenvolvimento da compreensão dos processos produtivos humanos e autonomia do saber por alunos e professores caminhando numa visão de transformação significativa, não somente de formação para o mercado de trabalho, mas para transformação histórica do trabalho, pois a educação nessa esguelha assume cada vez mais lugar de destaque na sociedade moderna. A formação de indivíduos com competências e habilidades é somada à formação de cidadãos acríticos não comprometidos com o seu momento histórico, social, econômico e político.

Diferente dessa proposta de formação de competências a Pesquisa Participante se aninha a integração teoria e prática nos seus métodos de investigação, o que por sua vez, relaciona-se também com a Educação Profissional e Tecnológica. Acorando-se na Professora Marise Ramos (2007, p. 17) que define as finalidades da formação profissional como “possibilitar às pessoas compreenderem a realidade para além de sua aparência fenomênica” para que os conteúdos de ensino não se limitem a práticas e objetos manuseáveis do conhecimento no desenvolvimento de habilidades e atitudes adestradas ao mercado de trabalho. Pelo contrário, os conhecimentos e a formação de atitudes devem constituir a “apropriação histórica da realidade material e social pelo homem” (id. *ibid*).

Dessa forma, a educação profissional vincula-se responsabilmente com a Pesquisa Participante, com perspectivas pedagógicas, dialógicas, didaticamente relacionais. Construindo, então, conteúdos e estratégias programáticas na convergência de um planejamento interessado no desenvolvimento integral de sujeitos. Os relacionamentos se fazem na direção de integrar e participar, partilhando os saberes no processo de ensino aprendizagem. As estratégias e atitudes educativas contextualizadas com a Pesquisa Participante podem favorecer a construção de espaços educacionais, sejam dentro ou fora da escola, não limitados apenas em transmitir informações conhecimentos. Muito

4 Emancipação é o contrário de dependência, submissão, alienação, opressão, dominação, falta de perspectiva. O termo caracteriza situações em que se encontra um sujeito que consegue atuar com autonomia, liberdade e autorrealização etc. (...) especialmente em contexto educacional, a busca de emancipação diz respeito a pessoas que sofrem algum tipo de desigualdade social. Essa busca se concretiza quando as pessoas conseguem superar os obstáculos ligados à sua condição e alcançam níveis de conhecimento mais elevados, a partir dos quais poderão exercer atividades desafiadoras (em qualquer área de atuação específica) (THIOLLENT, 2006, p. 161).

pelo contrário, o movimento dialético pode permitir uma formação educacional profissional ampliada dos sujeitos que refletem, criticam e transformam suas realidades.

Nesse sentido emancipatório e revolucionário é que a Pesquisa Participante contribui com as realizações interessadas nos sujeitos reflexivos e interativos, em constante prática educativa na construção do ensino aprendido. Conseqüentemente, tem-se um campo ampliado de trabalho convergente de competências, saberes técnicos e metodológicos. Com essa ação, a Pesquisa Participante, no ambiente da educação profissional, desenvolve a capacidade de conhecimentos aprofundados para enfrentar situações problemáticas, pois as competências não podem ser vistas somente como habilidades a serem treinadas.

Ao caracterizar essa pesquisa como uma prática pedagógica, social e política, pretende-se desenvolver reflexões sobre ela dentro do contexto da educação profissional. Nesse processo, entende-se a teoria como um momento da própria prática de todos os envolvidos no contexto educacional. Isso significa ter um profissional preparado para conduzir, de forma positiva, a ação como mediador e gestor, não se desvinculando do seu papel de educador e responsável pelas técnicas adequadas para o desenvolvimento do ensino aprendizagem. Agindo como integrante ativo no âmbito escolar qualificado e participando da transformação da realidade social participativa, já que

A formação do educador é um processo, acontecendo no interior das condições históricas em que ele mesmo vive. Faz parte de uma realidade concreta determinada, que não é estática e definitiva. É uma realidade que se faz no cotidiano. Por isso, é importante que este cotidiano seja desvendado. O retorno permanente da reflexão sobre a sua caminhada como educando e como educador é que pode fazer avançar o seu fazer pedagógico (CUNHA, 2006, p.169, 170).

A Pesquisa Participante *se realiza a partir da interação entre pesquisadores e pessoas dos espaços comunitários, dentre outros, das situações investigadas*. Nesse viés, a pesquisa se consubstancializa-se a partir dos relacionamentos que no decorrer do processo vão se construindo nas atividades implicadas com o interesse e objetivo da pesquisa, não tendo esta, um objeto a ser pesquisado, pois seu caráter é participativo e dialético.

No contexto da educação profissional, essa pesquisa contribui para a construção da autonomia intelectual do educando a qual deve ser inerente ao ensino, bem como, desenvolvida para os estudos e soluções da vida do discente, contribuindo com a interdisciplinaridade nas diferentes áreas do conhecimento. Como princípio educativo, a pesquisa é uma ação do pensamento inserida na totalidade social cuja construção do sentido é emancipatória. Nessa perspectiva, como princípio pedagógico, ela compreende os processos de ensinar e aprender e a investigação como prática de criação e de desejo de conhecer, realizando descobertas e, acima de tudo, podendo ser democrática, diversa e plural.

Para um entendimento a respeito da essência da Pesquisa Participante, é necessário

ter uma compreensão conceitual do que ela pressupõe uma educação geral que se torne inseparável da educação profissional, e que essa relação seja construída sob as dimensões do trabalho, da ciência e da cultura. Essa proposta visa ao desenvolvimento de todas as potencialidades humanas, na perspectiva de uma formação integral ou omnilateral (RAMOS, 2007).

A dualidade dentro do contexto da educação profissional é algo histórico, resultante da divisão social do trabalho, que consolidou a separação entre a educação geral, destinada à preparação para o acesso a níveis superiores de ensino, e a educação específica, de caráter técnico profissional. Construiu-se, assim, uma formação diversa, atribuindo a uns a formação para o trabalho intelectual, e a outros a educação para o trabalho manual, exclusivamente, com foco no atendimento às demandas do mercado de trabalho.

Como princípio pedagógico, a pesquisa é embasamento para a construção de um currículo integrado, que desenvolve atitude científica, buscando soluções e propondo alternativas. Conceito definido nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional, preconizando “que é necessário que a pesquisa como princípio pedagógico esteja presente em toda educação escolar dos que vivem/viverão do produto do trabalho” (BRASIL, 2013, p. 218).

No que tange à pesquisa como princípio pedagógico de acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais do Ensino Profissional DCNEP, é justamente a respeito da integração dos conhecimentos, cabe ressaltar, também, o reconhecimento da valorização da diversidade cultural, sobretudo por se tratar de uma instituição de educação profissional. Acredita-se que em ambientes educativos desse sistema de ensino a predominância dos conhecimentos técnicos deveria sobressair-se em detrimento da pesquisa até porque, sua presença como uma estratégia é fundamental para alcançar a formação humana integrada preconizadas dentro do currículo da educação profissional.

No entanto, é importante ressaltar que a efetivação do currículo integrado nas instituições educacionais no país se acentua cada vez mais, sobretudo na EPT. Experiências com pesquisas, projetos integradores, oficinas integradoras e projetos interdisciplinares são realizadas em diversos lugares na tentativa de superar a histórica fragmentação curricular. Para efetivação desses projetos, faz-se necessário a colaboração de todos os envolvidos com o ambiente escolar. Isso, converge para o entendimento de que o conhecimento se constrói no coletivo, enquanto incorporação de elementos produzidos, na superação destes e criação de novos.

Concebe-se, assim, que o conhecimento é um produto histórico e plural, que se origina da experiência, forjado nas relações entre os homens e a natureza, premissa essa, contextualizada na pesquisa participante, permite aos sujeitos a serem estimulados a participar da pesquisa como protagonistas, como agentes ativos, construindo o conhecimento e intervindo na realidade social. A pesquisa acaba que permitindo fazer escolhas e tendo como consequências lutar por seus interesses e necessidades cotidianas.

Ao pesquisador que está fora do contexto investigado cabe identificar-se ideologicamente com os sujeitos, com sua comunidade e demandas sociais, assumindo seu projeto político em direção às reais finalidades da pesquisa.

Com a pesquisa participante realizada contextualmente, com a educação profissional, o espaço criativo dos educadores-participantes-pesquisadores, é um território de desafios, pois configura-se como espaço amplo e diverso de realidades. Considerando que não há, nesse sentido os espaços definidos de objeto da pesquisa. Essa perspectiva contribui para potencializar o espaço como âmbito para o avanço em direção a um currículo integrado e também uma prática pedagógica com foco nos processos de transformação social caracterizando-se como umas práxis com resultados, pois

A pesquisa participante e a educação popular partiam do princípio de que assim como não existe vazio de poder, também não existe um vazio de saberes e de cultura. O que há é o não reconhecimento dos saberes de grupos marginalizados como legítimos dentro daquilo que se convencionou chamar de ciência ou de conhecimento (BRANDÃO; STRECK, 2006, p. 168).

Nesse sentido, a Pesquisa Participante toma a ciência como produtora de conhecimento. Conhecimento no “Norte”, no “Centro” com os indivíduos do Sul e da periferia que compartilham do senso comum, das ideologias e das crenças próprias. Isso, implica formação dos sujeitos que implica em mudança no lado individual e coletivo alterando os padrões históricos e culturais de dependência, subserviência adquiridos nos processos de socialização.

Por fim, é possível afirmar que a prática de pesquisa participante traz para educação profissional muitas possibilidades de uma mediação pedagógica, no âmbito de uma concepção dialética de nos espaços de educação técnica e tecnológica. Desse modo, o campo de experiência é valorizado por produzir preciosos elementos que qualificam pedagogias, as quais contribuem para uma educação significativa e transformadora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na discussão proposta, verificou-se como a Pesquisa Participante se relaciona com a esfera do ensino profissional, no âmbito dos diálogos metodológicos e epistemológicos, visando à possibilidade de ações emancipatórias dos sujeitos na EPT. Percebeu-se que seu caráter diferenciado e articulador, o qual move-se para inserir os sujeitos como protagonistas da própria história, permite ações participantes, integradoras e emancipatórias.

As múltiplas determinações da Pesquisa Participante estão interrelacionadas. Portanto, comprometidas com as práticas que têm sua fundamentação em um “ato político claro e assumido”, científica e pedagogicamente reconhecido como atividade da práxis. O encurtamento do pesquisador diante do informante permite à Pesquisa Participante uma investigação ampliada, crítica, interessada na totalidade dos sujeitos. Sendo, pois, dialética e recíproca porque busca elaborar territórios de educação transformadora através de uma

concepção democrática e ações práticas.

A pesquisa participante não atende critérios para preencher “lacunas da comunidade científica”, antes se empenha no “problema colocado pelo contexto social”.

A partir dessa análise, constatou-se que a pesquisa, como uma ação social, participa na construção de uma prática política porque a produção de conhecimento implica decisões de caráter ético-político relacionadas com uma prática pedagógica e educativa, construindo metodologias de ação e organizando o coletivo em prol de uma educação transformadora e emancipatória.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues.; STRECK, Danilo Romeu. (Organizadores) **Pesquisa Participante. A partilha do saber.** – Aparecida – SP; Ideias e Letras, 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

CIAVATTA, M. O ENSINO INTEGRADO, A POLITECNIA E A EDUCAÇÃO OMNILATERAL. POR QUE LUTAMOS? / The integrated education, the polytechnic and the omnilateral education. Why do we fight? **Trabalho & Educação**, Belo Horizonte, v. 23, n. 1, p.187-205,2014. Disponível em: <https://periódicos.ufmg.br/index.php/trabedu/article/view/9303>. Acesso em 31 de mar.2023

CHESTA, Ricardo Emílio. In: **ACOMUNA: Revista de crítica Social.** Disponível em <https://acomunarevista.org/2020/10/21/enquete-operaria/>. Acessado em 23 de agosto de 2021.

CUNHA, M. I. **O bom professor e sua prática.** Campinas: Papyrus, 18 eds. 2006. (Coleção Magistério Formação e Trabalho docente).

EGGERT, Elda.; SOBOTTKA, Emil.; STRECK, Danilo Romeu. **A pesquisa como mediação político-pedagógica.** In: Carlos Rodrigues Brandão; Danilo Romeu Streck Romeu. (Org.). *Pesquisa participante: a partilha do saber.* Aparecida –SP: Ideias e Letras, 2006. P. 167-186).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia.** Saberes necessários à prática educativa. 67ª ed – Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2021.

GASPARIN, João Luiz. **Uma didática para a pedagogia histórico-crítica.** 5. Ed. rev. – Campinas, SP: Autores Associados, 2012. – (Coleção educação contemporânea).

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 6. Ed. – [4ª impressão]. São Paulo, Editora Atlas, 2021.

MINAYO, M.C.S.; SANCHES, O. **Quantitativo-qualitativo:** oposição ou complementaridade? Caderno Saúde Pública, Rio de Janeiro, p-239-252, jul./set. 1993. Disponível em <https://www.scielo.br/j/csp/a/Bgpmz7T7cNv8K9Hg4J9fJDb/abstract/?lang=pt>

RAMOS, M. **Concepção de Ensino Médio Integrado.** Seminário sobre ensino médio, realizado pela Superintendência de Ensino Médio da Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Norte – Natal, 2007.

SEVERINO, Antonio Joaquim, 1941 – **Metodologia do trabalho científico**. – 24. Ed. Ver. E atual. – São Paulo: Cortez, 2016.

SILVA, Maria Ozanira da Silva e. **Reconstruindo um processo participativo na produção do conhecimento**: uma concepção e uma prática. In: Carlos Rodrigues Brandão; Danilo Romeu Streck Romeu. (Org). Pesquisa participante: a partilha do saber. Aparecida –SP: Ideais e Letras, 2006. P. 126-148.

THIOLLENT, Michel. **A inserção da pesquisa-ação no contexto da ação universitária**. In: Carlos Rodrigues Brandão; Danilo Romeu Streck Romeu. (Org). Pesquisa participante: a partilha do saber. Aparecida –SP: Ideais e Letras, 2006. P. 151-161.